

# AS IMPLICAÇÕES DO PENSAMENTO DO JOVEM NIETZSCHE PARA A EDUCAÇÃO

Lucas Josef Lima Brun<sup>1</sup>  
Giovanni Perruci Ribeiro<sup>2</sup>  
Márcio Acselrad<sup>3</sup>  
Lucas Caminha Cândido Vieira<sup>4</sup>

**RESUMO:** O estudo apresenta como o pensamento de Nietzsche repercute no interior do contexto educacional. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, considerando as conferências denominadas Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, assim como fragmentos da obra Sabedoria para depois de amanhã e os demais textos que tratam sobre a temática. Questionou-se o modelo moderno que, massificando e tecnicizando o saber, acaba por desestimular a criação e a crítica. Destacou-se a importância da produção de conhecimento conectada à vida, única fonte capaz de conferir significado à atividade humana. Por fim, discorreu-se sobre o aspecto experimental que o filósofo confere à atividade intelectual, na medida em que, em seu movimento interpretativo, jamais encerra a realidade numa totalidade. Para Nietzsche, educação é uma atividade produtora de poder, oposta ao conhecimento neutro e passivo cultivado na tradição ocidental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Nietzsche, Criação, Liberdade, Conhecimento.

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza – Unifor. Contato: [lucas.josefo1@gmail.com](mailto:lucas.josefo1@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza – Unifor. Contato: [giovanni.ripe@hotmail.com](mailto:giovanni.ripe@hotmail.com)

<sup>3</sup> Docente do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza – Unifor. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Coordenador do LabGraça – Laboratório de Estudos sobre o Humor e o Riso. Contato: [macselrad@gmail.com](mailto:macselrad@gmail.com) .

<sup>4</sup> Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Contato: [lucasvieira.philos@gmail.com](mailto:lucasvieira.philos@gmail.com)

**ABSTRACT:** The current study intends to show how Nietzsche's thought reverbs inside the educational context. It was performed a bibliographic research taking into account the conference called "On the future of our educational institution" as well as some fragments of the work "Wisdom for the day after tomorrow" and the other texts which concern about the thematic. On this way, the modern model that ends up discouraging creation and criticism by massifying and technicizing the knowledge was questioned. The importance of producing knowledge connected to life, the only source capable of give meaning to human activity, was highlighted. Finally, it was discussed the experimental aspect that the philosopher confers to intellectual activity, insofar as, in his interpretative movement, he never encloses reality in a totality. To Nietzsche, education is a power-producing activity, as opposed to the neutral and passive knowledge cultivated in Western tradition.

**KEYWORDS:** Education, Nietzsche, Creativity, Freedom, Knowledge.

## Introdução

No que se refere à educação, é comum que surja uma série de indagações sobre como esta pode ser definida, sobre o que corresponde ser e, até mesmo, caminhos pelos quais poderia tornar-se mais efetiva e positiva aos indivíduos<sup>5</sup>. A partir dessa questão, sabe-se que a educação é princípio formativo da sociedade, da vida individual e coletiva, uma partícula impossível de se escamotear tendo em vista que se concentra na base da formação dos sujeitos<sup>6</sup>. Dentro deste paradigma de incomensuráveis possibilidades, surge também uma série de problemáticas que a mesma tende a enfrentar, principalmente na contemporaneidade, tais como o assentamento de um modelo de educação baseado na instrumentalização técnica, subordinado ao modo de produção vigente, alicerçado na ideia de que a transmissão de conteúdos se dá unicamente a partir da figura do professor, reduzindo a participação dos alunos a perguntas estritamente ligadas a conteúdos técnicos, o que resulta no entendimento de que as questões da educação não se relacionam à vida<sup>7</sup>. Todavia, a educação, em seu real sentido, pode ser vislumbrada a partir de vários ângulos, sendo caracterizada como essencialmente crítica, propositora da indagação, detratadora dos rótulos, não-estigmatizante e, fundamentalmente, disseminadora da ideia de interdependência dos conteúdos de professor e aluno (no sentido de que o conhecimento se constrói a partir da relação entre ambos e não de maneira unívoca)<sup>8</sup>. Ou seja, a potência à liberdade, como aspecto central da educação, se

---

<sup>5</sup> BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

<sup>6</sup> ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

<sup>7</sup> DELORS, J.; Nanzhao, Z. *Educação, um tesouro a descobrir*. 2º ed. São Paulo: Cortez Brasília 1998.

<sup>8</sup> NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003.

vê cada vez mais perdida em meio ao utilitarismo técnico característico das práticas de ensino hodiernas.

Friedrich W. Nietzsche (1844-1900), um dos grandes expoentes do pensamento humano, questionou as tendências da educação, localizada dentro do lócus cultural, e se opôs à singularidade neste mesmo âmbito, assim como se colocará em objeção à técnica e ao esfacelamento da crítica nos mais variados contextos educacionais<sup>9</sup>. Nietzsche entendera que educação não concerne à preocupação metódica, tampouco à aplicação de sistemas, mas como primado que suscetibiliza o ato de perguntar, o pensamento, a avaliação, a criatividade e o caráter relacional e edificante entre as perspectivas do que conceberia como mestre e aluno<sup>10</sup>. Por fim, Nietzsche se coloca como antípoda às tendências que a educação contemporânea, baseada na estruturação de horizontes unitários e distantes do mundo da vida, tende a fundamentar-se<sup>11</sup>. É nesta configuração que o filósofo tomará para si a importância de ser retratado ao se problematizar a questão da educação; por interrogar e discutir o assunto, trazendo contribuições significativas à complexidade que é o contexto educativo, justifica-se o uso das ideias do pensador.

De forma clara e sucinta, o objetivo geral do presente escrito é discutir a temática da educação na obra filosófica de Nietzsche, com destaque às conferências nomeadas *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872) e aos fragmentos póstumos reunidos e alcunhados *Sabedoria para depois de amanhã*.

### **Método**

O presente artigo desvela-se como pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, apoiada no Método de Análise Imanente<sup>12</sup>, este que consiste no exame minucioso da bibliografia sobre o tema ao qual se pretende estudar, havendo o ato de perscrutar aspectos gerais e específicos que possam vir a endossar a apreensão de conteúdos temáticos a partir da leitura crítica, principalmente de autores clássicos, pressupondo as possibilidades de elencar suas ideias ao tempo em que se redige o estudo<sup>13</sup>. Os dados bibliográficos foram obtidos através de veículos acadêmicos de informação, tais como *Scielo*, *Capes*, *PhilPapers* e o próprio *Google Scholar*, dada preferência aos

---

<sup>9</sup> NEUKAMP, E. As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo. Seminário Nacional de Filosofia e Educação: *Confluências*, v. 2, 2006, p. 1-9.

<sup>10</sup> NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003.

<sup>11</sup> NEUKAMP, E. As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo. Seminário Nacional de Filosofia e Educação: *Confluências*, v. 2, 2006, p. 1-9.

<sup>12</sup> LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.

<sup>13</sup> LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.

materiais que estavam escritos em inglês e português. Os materiais utilizados foram artigos publicados entre 2000 a 2020, assim como as obras literárias do filósofo Friedrich W. Nietzsche, com ênfase em seus *Escritos sobre a Educação* (1872;1874/ 2003), conjunto de textos que compreendem as conferências nomeadas *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, assim como a *III Consideração Extemporânea: Schopenhauer como educador*. Para além disso, artigos de comentadores também foram considerados, tais como Rodrigues (2015), Nasser (2012), Juraski (2012), Rubira (2008) e Neukamp (2009).

### **Das tendências da cultura e sua influência na educação**

Datando do ano de 1872, Nietzsche, professor de filologia na Universidade da Basileia, ministra cinco conferências intituladas *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, as quais continham uma série de facetas críticas, edificadas por Nietzsche, a respeito de tópicos como educação e cultura. Para o filósofo, a educação estava enveredando-se por duas problemáticas fundamentais, centralizadas em meio ao conectivo que se mantém com a cultura. De um lado, havia um forte impulso de apropriação do máximo de indivíduos possíveis dentro da cultura prussiana. Do outro lado, havia uma tendência ao retraimento da cultura.

Duas correntes aparentemente opostos, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, originariamente fundadas em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de estender tanto quanto possível a cultura, por outro lado, a tendência de reduzi-la e enfraquecê-la<sup>14</sup>.

Estender, amplificar, crescer à nação o que se pôs a denominar cultura. O primeiro movimento da cultura é sem imprecisões um desdobramento político, que pretende abranger a totalidade dos espaços e colocá-los diante dos preceitos de uma cultura convencional. “De acordo com a primeira tendência, a cultura deve ser levada a círculos cada vez mais amplos”<sup>15</sup>. Sendo de tal caráter, poder-se-á lançar mão da interpretação de que a mais evidente das consequências para a educação, oriundas deste primeiro exposto, é a massificação dos processos de ensino-aprendizagem. Sugestiona-se um caminho unívoco que compreende o pensar, o ensinar, o aprender e o avaliar. Desta feita, o produto é uma educação infundada na técnica e nos critérios objetivos que certamente põem em dúvida a existência da reflexão crítica e do pensamento múltiplo, este que penetra no âmago da realidade de maneira desprezível. O objetivo geral da primeira tendência

---

<sup>14</sup> NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 53.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 53.

estava intimamente ligado ao imperativo cultural, de modo que devendo as se formulações endossadas por esta mesma cultura deveriam serem expandidas para além dos seus próprios limites, resultar-se-ia uma cultura dominante, inexorável e, portanto, antinômica ao dinamismo. Não poderia ser diferente com a educação, que, pelo próprio Nietzsche, não se fazia compreensível fora do escopo cultural. O que se almeja dizer é que com isso, como dito outrora, conferiu-se natureza operatória à educação, no sentido de produção, que se liga às designações modernas.

“De acordo com a segunda, se exige da cultura que ela abandone suas mais elevadas pretensões de soberania e se submeta como uma serva de outras formas de vida, especialmente aquela do estado”<sup>16</sup>. Dito de tal forma, com a segunda tendência, restringiu-se as potencialidades efetivas da cultura, mas não apenas isto. Com o esfacelamento do pensamento centrado no desenvolvimento de bases estruturantes de uma cultura que se pretende forte, a educação e a formação (*Bildung*) de seus transeuntes descerra prejuízos fundamentais, entre os quais estão a decadência do pensamento crítico e a pauperização da criatividade. Habitados à adaptação apriorística e obrigatória a uma educação fortemente alicerçada aos interesses do estado, os indivíduos se veem caudatários de uma postura que mais está ligada à ratificação de uma cultura antipódica à autonomia do que à transformação social sustentada na criticidade e na transfiguração de perspectivas que expandam a vida. A reprodução da passividade se torna a marca efetiva da cultura sobre a qual se fala, que cria indivíduos incautos e predispostos a tomar a realidade como imutável, díspares à ideia de que o conhecer é ativo e finito, tanto quanto a própria realidade.

Com a constatação, Nietzsche está interessado não apenas em desferir críticas à cultura e à educação de seu tempo. A verdade é que a pretensão de Nietzsche é a renovação da cultura e da educação prussiana<sup>17</sup>. A esta temática será dedicado o próximo capítulo.

### **O renascer da cultura para uma educação afirmativa**

A crença na possibilidade de uma vitória é justificada, porque sabemos que estas duas tendências à extensão e à redução são tão contrárias aos desígnios constantes da natureza quanto a concentração da cultura num pequeno número é uma lei necessária da natureza, e de uma maneira geral uma verdade, embora as duas outras tendências só possam chegar a fundar uma cultura mentirosa<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 53.

<sup>17</sup> RODRIGUES, E. J. L. *O Problema da formação (Bildung) em Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, de Nietzsche*. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP.

<sup>18</sup> NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 53.

Ao final do primeiro capítulo, entendeu-se que no contexto das conferências denominadas Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, Nietzsche não apenas ousou engendrar críticas, mas também se pretendeu, de alguma maneira, a conferir possibilidades para uma espécie de renovação da cultura e da educação, sob a finalidade de favorecer a *Bildung*, em suma, voltada ao caráter plural e construtivo da vida.

O projeto de reforma neo-humanista, associado às ideias de Humboldt, parece ter mantido forte influência na perspectiva de educação nietzscheana, no que diz respeito ao papel dos estabelecimentos de ensino. A questão fundamental que os aproxima, no contexto das instituições, é a de que Humboldt defendia a posição de uma cultura construída a partir das faculdades dos indivíduos, tornando-se central que os locais onde a educação fosse primazia se responsabilizassem pelo desenvolvimento humano<sup>19</sup>. Na perspectiva supramencionada, características como a liberdade individual e institucional, neste último caso ante o estado, são representativas. Por outro lado, embora Nietzsche tenha concordado com a ideia de que através do desenvolvimento das competências dos sujeitos pode-se fomentar o nascimento de uma cultura profícua, há uma severa discordância que veio a se tornar uma crítica dirigida ao projeto neo-humanista – ao contrário deste, que se mostra arraigado à ideia universal de homem, Nietzsche atentar-se-á para a dimensão singular, assim como reforçará uma formação sustentada na quebra com as generalidades e com a adesão à impermanência do homem e de seus corolários. Este é um primeiro ponto a ser destacado. De toda forma, o distanciamento da pretensão neo-humanista dimanou no sistema educacional criticado por Nietzsche que, como aponta o próprio, é encoberto de “aspectos falhos e errâncias”<sup>20</sup>.

Não apenas houve o afastamento das conjecturas neo-humanistas, mas, de maneira mais radical, do ideal de educação sustentado na Grécia Antiga, tão prestigiado e influente à formação de Nietzsche, em sua juventude. Nietzsche enxergou na educação do período antigo da Grécia a formação livre, arraigada à natureza e à arte, assim como suscetível à criatividade humana. Com o advento da modernidade, diferenciada em virtude de seu projeto científico-positivista, fundado na premissa de um apelo exacerbado à razão em detrimento das emoções, voltado à produção técnica e objetiva – desvirtuada da reflexão demorada, cuidadosa e serena -, assim como estritamente utilitário; Nietzsche atinou para o desaparecimento do caractere mais precípuo da educação,

---

<sup>19</sup> RODRIGUES, E. J. L. *O Problema da formação (Bildung) em Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, de Nietzsche*. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP.

<sup>20</sup> NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 42.

principalmente a de base grega: a liberdade. Em tom de criticidade à especialização, à erudição acadêmica e às obrigações estatais que passaram a amparar todo o estatuto do educar, cita-se Nietzsche, se referindo aos gregos:

Liberdade viril do caráter, conhecimento precoce dos homens, educação que não visa à formação de um erudito, a ausência de qualquer estreiteza patriótica, de qualquer obrigação de ganhar seu pão, de obediência ao estado – em suma, liberdade, sempre liberdade: este mesmo elemento extraordinário e perigoso no seio do qual os filósofos gregos puderam crescer<sup>21</sup>.

Mas que não haja engano: Nietzsche não deve ser interpretado como apólogo do período clássico. A análise de Nietzsche, quanto à educação, não se estagna no pretérito, assim como não parece tomar modelos ideais como o absoluto de seu pensamento. Neste sentido, a interpretação da educação, por parte de Nietzsche, está “vinculada a seu período histórico e ao extemporâneo a ele” (JURASKI, 2012, p.54). A ancoragem nos pressupostos clássicos parece mais próxima a uma aproximação parcial entre perspectivas do que uma adequação total entre as avaliações, até porque, como se sabe, Nietzsche viria a empreender fortes críticas ao período socrático-platônico no curso de suas ideias, com especial ênfase em seu período cientificista, a partir de *Humano, demasiado Humano* (1878) e em seu período tardio, a partir do Livro V de *A Gaia Ciência* (1882-6) até o final de sua vida.

Nietzsche opera com um discurso que conjectura o tempo à vida, não tornando-o separável em categorias díspares entre si. Nas conferências, o filósofo reconhece a importância da história para a vida que se faz em momentos presentes e para o futuro. No contexto dos estabelecimentos de ensino, a pontuação se torna mais clara. Nietzsche entenderá as instituições de educação como o que está profundamente conectado ao indivíduo, de forma a proporcioná-lo o desenvolvimento de um arcabouço cultural arraigado à criticidade. Com maior profundidade, são estes territórios que circunscrevem no sujeito uma espécie de elo fundamental relativo ao passado, que se faz nevrálgico para a construção do presente e do futuro. É nestes espaços em que se pode evocar fulgurantemente as raízes de um povo, remontando-os à ilação de que os fenômenos são de caráter histórico-cosmológico<sup>22</sup>, o que os desvela como finitos por excelência. Em meio à finitude de suas criações, o homem, às vistas das incomensuráveis possibilidades de sua existência, embora não eternas,

---

<sup>21</sup> NIETZSCHE, F. Escritos sobre educação. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 207.

<sup>22</sup> RUBIRA, L. E. X. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo – USP.

percebe a si mesmo como encarregado de erigir contribuições úteis à vida, à expansão desta, não à redução.

Basta que sejam escolas onde adquirimos cultura; não é fortuito que estejam associadas a nós e não colocadas sobre nós como uma vestimenta: como traços vivos de importantes movimentos culturais, em certos casos "material doméstico dos nossos antepassados", elas nos unem ao passado do povo e, nos seus aspectos essenciais, são um patrimônio tão sagrado e tão venerável, que eu não poderia falar de futuro dos nossos estabelecimentos de ensino senão na esperança de me aproximar deles, tanto quanto possível, o espírito ideal de onde nasceram<sup>23</sup>.

Neste percurso, Nietzsche lançará mão da proposta de renovação da cultura. Antes, aqui cabem duas observações. 1) Ao dissertar sobre a cultura, que traz consigo a educação, Nietzsche não as compreende como acessíveis a todos, visto que tanto são particulares ao espíritos superiores, quanto também se dispõem ao sobressalto do homem em relação à massa; e tão somente estes homens, fortes e abertos à potência da vida, seriam capazes de realizar profundas transformações no todo, em disparidade à maioria. Cita-se Nietzsche: "Não é a cultura da massa que deve ser a nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão"<sup>24</sup>. 2) Pretende-se referir com renovação, neste contexto, o desmonte das bases culturais modernas sob o pressuposto de se erguer uma cultura que tanto aspire as contribuições mais proveitosas de suas raízes, quanto também possa se projetar para frente, sem que haja estagnação no passado. Desta feita, o discurso nietzscheano, nas conferências, se traduz no esforço de revigorar os estabelecimentos de ensino, a partir de uma quebra com o projeto moderno de educação e de uma reintrodução de alicerces ligados ao espírito tradicional, à liberdade e à criação. A alegação de Nietzsche sobre o futuro perpassa, antes, pela necessidade de uma nova gênese da cultura, por uma espécie de depuração da mesma. Eflorecer-se-á não apenas a cultura, mas a educação e as instituições onde esta se perfaz, retomando, com isso, as possibilidades de uma formação livre e profícua, que não seja tangenciada pelo tecnicismo e pela objetividade moderna. Uma formação que, do início ao fim, é crítica, experimental e se dá nos mais diversos espaços, a qual zela pela interdependência dos conteúdos compartilhados entre o mestre e o aprendiz, retirando a eventualidade de um caráter despótico que poderia acometer o processo de ensino-aprendizagem. Esta é a educação afirmativa, fundada no duplo movimento de desconstrução dos fulcros que sustentam uma cultura e construção de perspectivas que além de nortear a vida no centro, são úteis à elevação desta. Mas não apenas no plano geral. No que diz

---

<sup>23</sup> NIETZSCHE, F. Escritos sobre educação. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 42-43.

<sup>24</sup> NIETZSCHE, F. Escritos sobre educação. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 105.



respeito ao homem, a educação, às vistas de Nietzsche, alude à superação de si e à diferenciação em relação massa, esta que remonta à igualdade no conhecer, à moral e ao pensamento unívoco. Nietzsche quer o contrário da massa: a ultrapassagem da moral, o reconhecimento da finitude, a apreensão da vida enquanto possibilidade, a liberdade individual e a criatividade no trato para-com o mundo.

### **Sobre a Atividade do constante sem conhecimento**

No decurso do Inverno de 1869-70 à primavera de 1870, Nietzsche redige o fragmento 3[44] que compõe a coletânea de escritos póstumos denominada *Sabedoria para Depois de Amanhã*. Destaca-se, no excerto, o termo "Atividade constante sem conhecimento"<sup>25</sup>, sob a intenção clara de demonstrar as características mais basilares da educação de base nietzscheana presentificada na juventude do pensador, que estava a adentrar em seus vinte e seis anos de idade; aliás, antes mesmo das conferências de 1872.

Introdutoriamente, o fragmento 3[44] assinala uma crítica à modernidade, contrastando-a à avaliação característica da antiguidade. Nietzsche utiliza a cultura dos bárbaros para equipará-la aos aspectos da modernidade que destoam de uma cultura próspera e superior. Pode-se conferir que os tópicos levantados pelo filósofo, os quais são problemas da modernidade, convergem com a especialização dos saberes, a consideração de uma suposta compreensão do homem e da vida como separados em diversas partes, o individualismo moderno (esboçado pela igualdade entre os sujeitos) e a máxima de que o acúmulo de informações obrigatoriamente reflete uma formação forte. Nietzsche, ao contrário, ilumina a indispensabilidade da interrelação entre os saberes, de forma com que a preocupação fundamental destes seja dirigida à vida, assim como faz a exigência do entendimento despretensioso dirigido àquela [vida] e ao próprio indivíduo, ao invés de cindi-los e investigá-los como estruturas antagônicas e requerentes de conhecimentos particulares. Além disso, pleiteia a superação do pressuposto de que há igualdade entre os fenômenos, lançando mão da plurivocidade atributiva do existir, fato que, posteriormente, consequenciou a destruição do fundamento e da própria razão moderna.

A escravidão dos bárbaros (ou seja, de nós). A divisão do trabalho é um princípio do reino dos bárbaros, o domínio do mecanismo. No organismo não há partes separáveis. O individualismo da modernidade e seu oposto na antiguidade. O homem completamente individualizado "é" muito fraco e cai em meio a um bando de escravos: por exemplo, o de uma ciência, o de um conceito, o de um vício. Não se fortalece um organismo pelo aumento da formação cognoscitiva, ao contrário, desse modo ele se enfraquece. Ele só se fortalece na atividade constante sem conhecimento. A ingenuidade dos antigos na distinção entre

---

<sup>25</sup> NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Fragmentos de 1869-1870. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 6.

escravos e homens livres: somos pudicos e presunçosos: escravidão do nosso caráter. Os atenienses sucumbiram porque eram exigidos por toda parte; o limite das necessidades não era tão estreito. Porém, todas essas necessidades eram universais<sup>26</sup>.

Mas e quanto à atividade constante sem conhecimento? O excerto é utilizado para rivalizar com a máxima moderna a respeito de o acúmulo de informações obrigatoriamente refletir uma formação forte. Conhecer o mundo significa, antes, tomá-lo em sua multiplicidade. As teorias que se voltam à interpretação da realidade são, em suma, transitórias. Existir é dinamismo, não sendo objetificável sob nenhuma circunstância. Por conseguinte, o conhecer, da mesma maneira, é finito, cede à passagem do tempo e às transformações incessantes da própria natureza. O andarilho, de formação superior e vigorosa, reconhece as questões supramencionadas, mas não apenas isto: ele não anseia por se mostrar detentor máximo de uma miríade de conhecimentos; ele, antes, se exhibe um profundo desconhecedor do que se coloca à sua frente. Desconhecer implica serenidade, assim como salienta a análise criteriosa e direcionada às perspectivas que um ou mais objetos possam exprimir. Desconhecer aponta para uma formação destituída de finalidades utilitárias, mas tão somente voltada à vida. Aquele que se presta à atividade do constante sem conhecimento é livre, distinto da massa; ele é, em seu cerne, um espírito que encara o engano não como passível à exclusão, mas, a depender do tipo de engano, vantajoso à vivência. Ao invés de clamar pela verdade, como unidade, ousa se enveredar através das perspectivas, que não se propõem à eternidade. Em suma, o desconhecedor assemelha-se ao *gênio* (NIETZSCHE, 1872-1878), que é a completa antípoda ao especialista moderno – este que é apetecido pela exatidão, com a utilidade e com os interesses mensuráveis do saber.

Educação, para Nietzsche, é mais do que um método ou uma finalidade prática: é potência para a liberdade. A atividade constante do sem conhecimento ressalta uma postura diante da existência. É uma ação que se situa na contramão da massa e reconhece o caráter pré-teorético das perspectivas. O recorte fragmentário, como supracitado, torna evidente a proposta nietzscheana de educação, assentada sobre a criticidade, o respaldo à pluralidade e ao dinamismo da vida, preocupada com a transformação de si e da sociedade, e emancipadora. Seja como for, a educação é viva e é no âmago das mais derradeiras crises que surge o Gênio, para demolir as bases e erguer novas estruturas, favoráveis àquela, fulgaz, múltipla e jamais absoluta: a vida.

---

<sup>26</sup> NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Fragmentos de 1869-1870. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 6.

### Considerações Finais

Só é possível pensar na educação ao considerar a cultura, na mesma equação. Nietzsche esforçou-se em renovar a educação, a cultura e suas bases, sob a pretensa de conferir às mesmas alicerces estritamente ligados à liberdade, à criatividade e à proximidade para-com a natureza. Defronte a modernidade, Nietzsche engendra críticas, compreendendo o projeto de tal época como falho, no que diz respeito à garantia de uma formação forte. Em contraposição às particularidades modernas, como a tendência à especialização, a massificação, o ímpeto moral e o utilitarismo do conhecimento; Nietzsche desenvolve ideias voltadas a um tipo de educação superior, que se desdobra como atividade potente e livre, assim como compromissada com a transformação da realidade através das mãos de seus representantes, os quais são externos à composição massificada. O que se sabe é que para além das preleções, o filósofo alemão se preocupou com a educação conjecturada à vida, esta que é a fonte emanadora de sentido para atividade humana. E é na disposição a criar que o homem expande os limites para além do que consegue vislumbrar, captando, no próprio mundo, o que escapa à generalidade.

### REFERÊNCIAS:

- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.
- DELORS, J.; Nanzhao, Z. *Educação, um tesouro a descobrir*. 2º ed. São Paulo: Cortez Brasília 1998.
- LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.
- JURASKI, V.C. O projeto educacional em Nietzsche: Reflexões sobre a Educação na Alemanha do Século XIX. *Perspectiva*. Erechim. v.36, nº 136, 2012, p. 51-60.
- NASSER, E. O destino do gênio e o gênio enquanto destino. *Cadernos Nietzsche*. n. 30, 2012, p. 287-302.
- NEUKAMP, E. As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo. Seminário Nacional de Filosofia e Educação: *Confluências*, v. 2, 2006, p. 1-9.
- NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e organização de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO. São Paulo: Loyola, 2003.
- NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Fragmentos de 1869-1870. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RODRIGUES, E. J. L. *O Problema da formação (Bildung) em Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, de Nietzsche*. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP.
- ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.
- RUBIRA, L. E. X. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo – USP.